

Romper as fronteiras: conexões entre anarquistas na Rússia e no Japão¹

*Breaking the frontiers:
connections between anarchists in Russia and Japan*

Luíza Uehara

Pesquisadora no Núcleo de Sociabilidade Libertária (Nu-Sol)/PUC-SP e doutoranda na Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais na mesma universidade.
Contato: luiza.uehara@gmail.com.

RESUMO:

Mikhail Bakunin, anarquista nascido na Rússia, conseguiu fugir do exílio da Sibéria inaugurando uma rota que passava pelo Japão para chegar aos Estados Unidos ou Europa. Essa é uma das procedências das relações entre anarquistas russos e anarquistas japoneses, fortalecida com as obras de Lev Metchnikoff – amigo de Bakunin – e no decurso da Guerra Russo-Japonesa. Anos depois o anarquista Ôsugi Sakae, responsável pela tradução de obras de Bakunin para o japonês foi crítico à Revolução de 1917 e rompeu com o bolchevismo que tentava tomar a direção editorial de suas publicações. Apresenta-se brevemente nesse artigo algumas dessas conexões entre anarquistas no Japão e na Rússia para traçar recordações no presente daqueles que não temeram enfrentar o governo do Imperador, da nação, do sindicato, e/ou do partido.

Palavras-chave: anarquismos no Japão, Era Meiji, Ôsugi Sakae, Revolução Russa.

ABSTRACT:

Mikhail Bakunin was a Russian-born anarchist who inaugurated a route through Japan to get to United States and Europe, while scaping from Siberia's exile. During the few days he spent in Japan he did little contact with the people, but could observe its early modernization in the western standards. This is one of the begginings of the relationships between Russian and Japanese anarchists. Which was strengthened by the work of a close Bakunin's friend, Lev Metchnikoff, specially, during the Russian-Japanese war. Later on, the anarchist Ôsugi Sakae, who translated Bakunin's work to Japanese language, became a critic to the 1917's Russian Revolution, and split with the bolcheviks who were trying to take the editorial direction of his publications. This article shows briefly some of these connections between anarchists in Russia and Japan bringing to the present the memories of those who didn't fear the Imperor, nation, union and/or the party government.

Keywords: anarchism in Japan, Meiji period, Ôsugi Sakae, Russian Revolution.

UEHARA, Luíza (2017). Romper as fronteiras: conexões entre anarquistas na Rússia e no Japão. *Revista Ecopolítica*, São Paulo, n. 19, set-dez, pp. 62-78.

Recebido em 2 de outubro de 2017. Confirmado para publicação em 30 de outubro de 2017.

¹ Texto originalmente apresentado Seminário 100 anos da Revolução Russa. Debates sobre democracia, socialismo e anarquismo entre 25 e 28 de setembro de 2017, UFPA.

Em livros, mangás, filmes e relatos, no começo do século XIX e no início do XX o Japão é retratado pela invasão do Ocidente sacramentada em inúmeros tratados, na abertura do mercado acompanhada da perseguição aos *samurai*² contrários à industrialização, na Guerra Russo-Japonesa e, posteriormente, na miséria dos camponeses que culminou com os acordos com o Brasil de incentivo à imigração.

Apresento outras leituras a respeito da modernização que romperam com a imagem do povo subserviente por meio da coragem de homens e mulheres que recusaram as fronteiras estatais entre Japão e Rússia ao se aventuraram em relações apartadas do Estado, do Imperador e do czar. Não se trata de fazer uma antologia dos anarquismos dali, mas apresentar resistências que pulsaram e hoje permanecem esquecidas.

A abertura dos portos e fugas

No ano de 1861, Mikhail Bakunin desembarcou em Hokodate, porto da província de Hokkaido, um dos poucos autorizados pelo governo japonês a receber embarcações estrangeiras. Estivera preso desde 1849, quando foi capturado nos levantes em Dresden, na Alemanha. Após percorrer as prisões russas, foi exilado na Sibéria em 1857. Seu corpo estava devastado pelo escorbuto, vivia sob a vigilância constante podendo apenas fazer pequenas viagens. Para aparentar estabilidade, casou-se com uma de suas estudantes de francês (Billingsley, 2014) e procurou um emprego fixo junto a seu primo Nikolai Muraviev, governador da Sibéria.

Após quatro anos exilado e parcialmente recuperado, Bakunin optou pela fuga a passar o resto de sua vida ali. O caminho para chegar à Europa era impossível pelas principais vias; a fuga teria de ocorrer por outra saída. Suas opções eram a China, cujos portos estavam abertos desde 1840, com a vitória da Inglaterra na I Guerra do Ópio ou o desconhecido Japão (Idem).

² Os termos em japonês não possuem plural e estão em letras romanas.

O país havia aberto seus portos apenas em 1853, quando o estadunidense Comodoro Matthew Perry³ chegou com seus quatro navios de guerra em Edo (Tóquio), ainda no período Tokugawa (1603-1868), marcado pela presença dos Xoguns da família homônima no governo, com alguma semelhança aos senhores feudais da Europa. O Imperador, entretanto, não possuía funções de governo, mas praticamente divinas; com a modernização, ele assumirá o governo para centralizar as decisões. As relações comerciais e políticas com as nações estrangeiras estabeleceram-se com a compra de armas pelos Xoguns e envio de intelectuais para estudar no Ocidente. Entretanto, aumentava a insatisfação de proprietários de terra, que tinham de lidar com novas tributações, e com o descontentamento da família imperial que se articulava para tomar o governo, o que ocorreu em 1867, com o domínio centralizado do Imperador Meiji, fundador do Grande Império do Japão⁴.

Os portos do Japão eram também alvo de disputas entre Rússia, Inglaterra, França e EUA. A Rússia havia assinado o Tratado de Amizade em fevereiro de 1855, e tentava garantir seu passo nessa corrida com a assinatura do Acordo de Pequim corroborado também pela China, França e Inglaterra ao final da II Guerra do Ópio, em 1860. Este garantia as delimitações de fronteiras, sendo que o Rio Amur, na atual região da Manchúria, passava a integrar a Rússia (Beijing-Russia, 1860), facilitando a navegação até o porto de Hokodate.

Atento, Bakunin enviou uma carta ao novo governador da Sibéria, também um parente seu, solicitando uma viagem pelo rio Amur para tratar de negócios e com a promessa de não trair sua confiança. Para sua surpresa, a resposta foi positiva, com a indicação de que retornasse

³ Em 1854, EUA e Japão assinaram o Tratado Kanagawa, para a abertura de dois pequenos portos, Hadokate e Shimoda, para o comércio.

⁴ Nome do país entre a Era Meiji e até o final da II Guerra Mundial na Era Showa, também era chamado de Império do Sol. Com a rendição, a ocupação militar estadunidense e a aprovação de uma constituição, foi rebatizado como Japão.

antes do congelamento do rio. Em um dos portos onde o barco que o levava ancorou, Bakunin abordou o capitão do USS Vickery, embarcação estadunidense, e solicitou entrar nesse navio que, após passar pelo porto de Olga, seguiu para Hakodate, aberto para estrangeiros há três anos (Idem).

Bakunin ficou na região de Yokohama por um mês, provavelmente observando um Japão que começava a se industrializar, muitas obras e harmonia construídas em meio a inúmeras repressões, como ressaltou o jornal anarquista *Libero*, impresso no Japão na década de 1970 (*Libero International*, n. 5, 1978).

No entanto, Bakunin continuou seu percurso e em 17 de setembro embarcou no *Carrington* para quatro semanas depois chegar a São Francisco. Em seguida foi a Londres, percorreu a Europa travando lutas contra o governo da ciência e qualquer autoridade centralizada. Incendiaria a Associação Internacional dos Trabalhadores –AIT (1862) com críticas contundentes ao centralismo de Karl Marx (1818-1883), que culminou em sua expulsão em 1872. Seu amigo russo, Alexander Herzen (1812-1870), com quem nunca deixou de trocar cartas, lembrou de sua passagem pelo Oriente como “a fuga mais longa em termos geográficos” (*apud* Avrich, 2008: 320).

Discípulos do Ocidente

Até hoje, pouco se sabe dessa passagem de Bakunin que não estabeleceu contato direto com os japoneses tanto pelo impasse do idioma como também por estar em fuga, mas que foi inaugural ao estabelecer uma das rotas que seria muito utilizada na segunda metade do século XIX e início do XX por aqueles que conseguiam fugir da Sibéria e pretendiam chegar aos EUA ou Europa.

Alguns anos depois, seu amigo Lev Metchnikoff desembarcou no Japão a convite secreto de seu conhecido Saigô Takamori, um dos

últimos *samurai* que enfrentaram o governo Meiji, mas que era favorável à abertura dos portos e, posteriormente, se tornou uma liderança do próprio regime do Império.

Entretanto, Metchnikoff não se interessou pelos desdobramentos de seu conhecido, mas em fazer uma nova leitura do Japão. Opôs-se à visão eurocêntrica de que o Ocidente tinha proporcionado uma modificação completa das relações no Japão, e afirmou que isso só fora possível devido a mudanças na Era Tokugawa. Sua proposição permanece inédita até hoje, pois quebra a ideia do protagonismo ocidental para analisar transformações internas que não cessam (Konishi, 2013).

O anarquista francês e geógrafo Elisée Reclus (1830-1905) interessou-se pelo Japão ao tomar contato com as obras de Metchnikoff. Conheceram-se no retorno deste do Japão. Ao prefaciá-la edição francesa de *A civilização e os grandes rios históricos* (1889) de Metchnikoff, Reclus recorda as investigações do amigo que tinha acabado de falecer e que lhe emprestara generosamente todas as suas anotações e documentos para que fossem usadas na escrita do tomo VII de *Nouvelle Géographie Universelle* (A nova geografia universal), lançado em 1876, mesmo ano do falecimento de Mikhail Bakunin.

Neste livro, de subtítulo *Ásia Oriental*, Reclus dedicou um capítulo ao Japão, no qual salientou a geografia do território com atenção aos terremotos e tufões: “A abundância de chuvas, a relativa moderação dos invernos e o calor úmido dos verões dão à flora do Japão uma extraordinária riqueza e vigor” (Reclus, 1876: 739). Reclus ainda atentou para os vulcões, os admirava principalmente pela sua beleza e imprevisibilidade nas erupções que podem tudo destruir.

Nas obras de Reclus não é possível compreender a geografia separada de pessoas, não há separação *da terra e do homem*. Assim descreve o Japão como “um dos países mais curiosos da Terra por sua natureza, seus habitantes, sua história e especialmente pelos eventos que ocorrem lá. De todas as nações que vivem fora da Europa, do Novo Mundo e

da Austrália, os japoneses são os únicos que aceitaram voluntariamente a civilização do Ocidente (...) são como discípulos voluntários” (Idem: 685). Destaca que: “A posição geográfica do Japão dá uma particular importância a esta nova anexação. Situado no meio do caminho de São Francisco a Londres e Rússia pelo Oceano Pacífico, o reino do Sol Nascente (...) une o oriente ao ocidente, e pelo mar, comanda todos os caminhos que levam às ilhas da Malásia, à Austrália, à Indochina, aos países do Pacífico e do Oceano Índico. Além disso, sua população é considerável e trabalhadora o suficiente para assumir rapidamente um papel de grande importância na história do comércio. Muitos escritores já falam no *Nippon* como a Grã-Bretanha do Oriente” (Ibidem: 686).

As proposições de Reclus articuladas à de Metchnikoff sinalizam para as transformações do próprio Japão enquanto um processo, não uma relação dominante/dominado marcada pela data da gloriosa chegada a Edo dos navios do Comodoro Perry. Trata-se de um processo, no qual interessam as relações de forças, a busca das lutas e das memórias dos combates, metodologia próxima à genealogia de Michel Foucault produzida cem anos depois (Foucault, 2005).

Portanto, não se trata de estabelecer uma história verdadeira sobre os anarquistas, delimitar um começo onde homens e mulheres falharam ou acertaram, mas, sim, como resistiram a essas relações de forças; como combateram a devoção ao Xogum, atualizada posteriormente em amor ao Imperador, somada à obediência ao Ocidente, como destacou Reclus.

O geógrafo anarquista não fez uma proposição eurocêntrica, mas uma leitura do que é um Estado e seus acordos. Ainda observou a glorificação do militarismo e o crescimento do Japão por meio da exploração de outros povos, como os da China e Coreia. Reclus destoa de muitas leituras que indicaram o despontar militarista japonês somente com a Guerra Russo-Japonesa, e destaca que a abertura das negociações com o Ocidente ocorreu pelas armas de fogo e em como aprimorá-

las. O receio da guerra que mantinha os portos fechados foi o mesmo que levou à abertura, dando um novo uso à pólvora agora em armas e canhões, não mais restrita aos fogos de artifícios apropriados da China.

Como já previa Reclus, o rápido desenvolvimento da indústria e das armas no Japão aos moldes ocidentais lhe possibilitaria: “enfrentar China, Coreia e até mesmo resistir à Rússia” (Reclus, 1986: 855). A constatação foi possível ao verificar o investimento japonês em inúmeras províncias para torná-las polos militares, entre elas, Hiroshima, um dos alvos das bombas nucleares de 1945, e que fora estrategicamente escolhida pelo governo dos EUA quando era uma potência na produção de armas, de uniformes e no treinamento do exército. Hoje, condecorada pela ONU, também é conhecida como Cidade da Paz.

Contra a Guerra, o Imperador e o czar. *Banzai!*

Após a Guerra Sino-Japonesa que marcou o despontar da marinha japonesa com financiamento da Inglaterra, eclodiu em 1904 a Guerra Russo-Japonesa.

Nas disputas pelo crescimento do Império, outras conexões começaram a se estabelecer, e dentre elas as dos anarquistas. Em janeiro de 1905, em uma de suas últimas edições, o jornal *Heimin Shimbun* (Jornal da plebe), fundado pelo jornalista Kôtoku Shûsui no ano de 1903, no interior da associação *Heimin Sha* (Sociedade da plebe) que articulava anarquistas e socialistas, estampou em suas páginas um desenho identificando as relações entre os dois países. Dois soldados que só se diferenciavam pelo uniforme, lutavam com espadas enquanto pisavam sobre as cabeças de dois camponeses, um no Japão e outro na Rússia. Os trabalhadores sofriam diante do jugo dos soldados, mas permaneciam de mãos dadas entre o mar que os separavam em uma demonstração de união e solidariedade. A mensagem de *Heimin Shimbun* é clara: a guerra é produto do Estado, produtor de misérias e inúmeras violências. O *Heimin Shimbun* opôs-se

incansavelmente à guerra russo-japonesa. Na “Carta ao partido socialista da Rússia”, publicada em 13 de março de 1904, afirmou que o patriotismo e o militarismo deveriam ser combatidos pelos trabalhadores.

Em 1905, por conta da prisão de Kôtoku Shûsui, sob a acusação de promover propaganda subversiva, a publicação do jornal foi interrompida e a *Heimin Sha* dissolvida. Enquanto esteve encarcerado, trocou cartas com seu amigo Albert Johnson que vivia na Califórnia. Em uma dessas, afirmou: “Entre na prisão marxista e saio dela anarquista”. Durante o encarceramento, inicialmente realizou traduções de trabalhos de Engels, depois se dedicou a Kropotkin, que, em 1904, já tinha sido publicado no *Heimin Shimbun* em traduções de Nishikawa Kôjirô e Ketsumi Kesson.

Com a saúde debilitada por conta da vida na prisão, Kôtoku Shûsui foi para São Francisco, onde tomou contato com a IWW (Industrial Workers of the World). Elaborou sua crítica à crença no parlamentarismo e, influenciado por Fernand Pelloutier, afirmou a ação direta e a greve geral como uma revolução no agora.

Ao retornar ao Japão, seus amigos o esperavam em Tóquio ansiosos e com um convite para que ele entrasse no Partido Socialista. Então, publicou um dos mais lidos artigos do anarquismo no Japão: “Eu mudei minha opinião” (1906) que marcou a retomada do *Heimin Shimbun*: “o que a classe trabalhadora precisa não é a conquista do poder político (...), não precisamos de leis (...). O que queremos é realizar uma verdadeira revolução social (...) devemos concentrar todos os nossos esforços não no poder parlamentar, mas no desenvolvimento da solidariedade dos trabalhadores. Para repetir: a última coisa que os trabalhadores devem fazer é confiar em votos e em deputados”⁵.

O *Heimin Shimbun* foi retomado e continuou firme nas publicações

⁵ O mesmo viria a acontecer no Brasil com Edgard Leuenroth, adepto do anarcossindicalismo, e outros anarquistas que se recusaram a tomar parte do Partido Comunista, fundado majoritariamente por anarquistas empolgados com a Revolução Russa.

com maior presença dos anarquistas com artigos contra a representação, o parlamento e pela ação direta. Em 1908, Kôtoku conheceu a jovem Kanno Sugako, companheira de Arahata Kanson (1887-1981), um jovem escritor do *Heimin Shimbun*, e que chegaram a Tóquio alguns anos antes. Apaixonaram-se e lançaram-se em uma relação livre sob as críticas de anarquistas e socialistas que resolveram tomar as dores de Arahata. Anos mais tarde, Ôsugi Sakae, Itô Noe e Kamichika Ichiko também foram alvos de repulsa pela relação amorosa que viviam.

Sem se deter a isso, Kanno e Kôtoku continuaram suas publicações, sempre tendo de lidar com as perseguições policiais. Após ser presa por conta de seus escritos para *Jiyû Shisô* (Livre Pensamento), fortaleceu sua repulsa ao Imperador e, em contato com Morichika Umpei (1881-1911), que escrevia contra a ascendência divina do Imperador e Miyashita Takichi (1875-1911), um operário anarquista, passaram a arquitetar o assassinato do Imperador (Hane, 1993).

A inspiração de Kanno era a russa Sophia Perovskaya que com seus companheiros assassinou Alexandre II (1818-1881) da Rússia. Seu sonho não durou muito tempo; os anarquistas estavam sobre constante vigilância. Em 1910, quando Kôtoku tentava embarcar para a Europa, foi preso junto com outros 23 anarquistas, entre eles, Kanno (Idem). Não foi preciso esperar o teatro do tribunal para saber o que aconteceria: foram condenados à morte, no conhecido *Caso de Alta Traição*. Em “Discussão sobre a revolução violenta a partir de minha prisão”, já sabendo do destino que lhe aguardava, Kôtoku afirmou a vitalidade das obras de Piotr Kropotkin e Élisée Reclus ao demonstrar que a anarquia não é violência. Violento é o Estado. Contra essa violência, a ação direta.

Kanno Sugako escreveu suas memórias antes de ser executada. Não tentou se redimir, ou pedir clemência. Afirmou seus atos e a necessidade de dar um fim ao Imperador. Não reverenciou os juízes, e escancarou o que é o próprio tribunal:

Vocês são pobres juízes e lamentáveis. Tudo o que vocês queriam fazer era proteger suas posições. Para salvaguardá-los [a família imperial], vocês transmitiram esses veredictos (...). Vocês, pobres juízes, pobres escravos do governo. Eu deveria estar com raiva de vocês, mas tenho pena (...). Vocês podem viver por cem anos, mas o que é uma vida sem liberdade, uma vida de escravidão? Vocês, pobres escravos (Kanno, 1993: 67-68).

Kanno escancarava a subserviência dos juízes como a de uma população disposta a seguir o Imperador ou o soberano da ocasião, sabia que ser anarquista já era suficiente para lhe levar ao tribunal. O Japão não possuía uma lei específica de perseguição aos anarquistas, entretanto, certos pensamentos estrangeiros eram considerados perigosos ao Imperador, e este era esse o caso dos anarquismos. Declarar-se anarquista já era pretexto para ser alvo do sistema penal. O acusador dos anarquistas era Hiranuma Kiichiro (1867-1952), que em 1939, tornou-se Primeiro-Ministro durante o fascismo japonês e a II Guerra Mundial (Pelletier, 2015).

Meus pobres amigos, meus pobres camaradas! Mais da metade deles eram (...) acusados pelas ações de cinco ou seis (...). Só porque eles estavam associados a nós, eles agora devem ser sacrificados dessa maneira monstruosa. Simplesmente porque são anarquistas. Então, o chapéu de palha [que cobre o rosto do prisioneiro] foi colocado na minha cabeça. Porque fomos marchando na ordem inversa da nossa chegada, fui a primeira a sair. Quando me levantei, pensei em meus camaradas. Embora, eles estivessem no mesmo andar que eu, nunca mais nos encontraremos (Kanno, 1993: 59).

Neste caminhar, sem estabelecer contato visual com seus companheiros, um grito de *Banzai*⁶ ecoou entre os prisioneiros.

O anarquista Ôsugi Sakae — conhecido pelas conexões que estabeleceu com anarquistas na China e França e responsável pela tradução de obras de Kropotkin, Bakunin e Max Stirner—, não foi capturado e executado

⁶ *Banzai* pode ser traduzido como *saúde*, termo tão caro aos libertários.

nesse processo, pois já estava preso e não pôde ser acusado. Se estivesse liberto, provavelmente seria assassinado pelo Estado nesta ocasião. Ôsugi recordou em suas memórias a passagem dos prisioneiros no corredor de sua cela:

Durante esse período, vi quase todos os réus do caso da alta traição. A entrada do banheiro era bem próxima a minha cela, e o corredor externo que levava ao banheiro se estendia diante de mim por cerca de vinte metros. Sempre que tinha uma oportunidade, observava esse corredor da minha janela. Cada prisioneiro tinha o rosto escondido sob um grande chapéu de palha, embora pudesse identificar os que eu conhecia pelo corpo e pelo jeito. (...) Um dia, avistei Kôtoku passando. ‘Ei, Kôtoku! Kôtoku!’ Eu o chamei duas ou três vezes, mas não muito alto. (Hoje me arrependo do que foi provavelmente uma hesitação estúpida de minha parte) (Ôsugi, 2002: 169).

O *Caso de Alta Traição* foi noticiado na revista *Mother Earth* de Emma Goldman. Relataram-se as arbitrariedades e pediu-se a solidariedade dos anarquistas pelo planeta⁷. A conexão de Kôtoku com Goldman não era recente, seus textos contra o cristianismo e contra qualquer outra superioridade divina já haviam sido publicados na revista *Mother Earth*.

Pelletier, anarquista e geógrafo francês que na década de 1980, tomou parte no grupo de Estudos Anarquistas em Hiroshima responsável pelo resgate de uma série de escritos libertários perdidos durante a II Guerra Mundial, e afirmou que as práticas anarcoterroristas no Japão se inspiraram no niilismo russo, não tanto pela sua filosofia, mas por suas práticas voltadas ao czar, assimilado ao Imperador nipônico (Pelletier, 2002: 98). Os dois países estavam em processo de modernização simultânea com a imensa miséria no campo. No caso japonês essa *modernização* ocorria tanto nas maquinarias, como na introdução da polícia, armas de fogo e

⁷ Esta é uma prática anarquista para tentar evitar a morte de seus companheiros, como viria a ocorrer no caso dos italianos Sacco e Vanzetti na década de 1920, nos EUA. Quando os dois foram acusados e condenados à morte pelo Estado, comitês em sua defesa e manifestações se espalharam por todo o planeta, inclusive no Brasil.

uso da força enquanto uma humanização das penas de mortes que não mais passariam pela arbitrariedade dos xoguns e seus funcionários, mas pelo teatro do tribunal e suas sentenças. Tal método é utilizado até hoje e conta com o apoio de 80% da população.

A constatação de Pelletier, entretanto, não sinaliza o distanciamento dos anarquistas japoneses em relação a Sergei Nietchaiev, autor de um autoritário manual do anarquista profissional: o *Catecismo Revolucionário*, redigido na década de 1860. Os anarquistas acusados de tentar assassinar o Imperador não eram adeptos desse niilista russo. Como destacou o Nu-Sol na apresentação da publicação do texto de Nietchaiev na revista Verve 11: “Ele (Nietcháiev) é a constatação do risco da tirania, da permanência do fanatismo e da hipotética seriedade dos intelectuais que falam em nome de, que se dizem portadores de uma consciência verdadeira e que pretendem conduzir pessoas, grupos, classes ou massas à liberdade” (Nu-Sol, 2007: 78). Mais tarde, Nietcháiev foi saudado com mérito por Lenin.

A prática dos anarcoterroristas japoneses ao se direcionar ao Imperador aproxima-se daquela dos anarcoterroristas na França que respondiam às perseguições e execuções após o sufocamento da Comuna de Paris. No final de 1893, ao vingar-se da execução de Ravachol, Auguste Vaillant lançou uma bomba no parlamento, não ferindo gravemente ninguém, mas foi executado no ano seguinte. O jovem Émile Henry, atacou o Café Terminus, local frequentado pela burguesia parisiense, e foi também capturado e guilhotinado em 1894.

Os anarquistas diante da prisão e do tribunal afirmam a vida livre. Após receber a leitura da condenação no tribunal, Kôtoku lembrou os gritos dos anarcoterroristas franceses antes de serem assassinados: “Viva os anarquistas! Viva a anarquia” (Pelletier, 2015).

Kôtoku foi executado com outros 11 homens na manhã de 24 de janeiro de 1911, depois de fumar seu último cigarro. No dia seguinte, Kanno Sugako foi enforcada (Kan, 1930).

O inverno e a Revolução Russa de 1917

Os anos subsequentes ficaram conhecidos como a consolidação da modernização, a efetivação do novo slogan do governo: *fujoku kyôei* — “um país rico, uma arma forte” —, e a condenação de certos pensamentos que seriam provenientes do ocidente: “pensamento de estrangeiro, pensamento perigoso” (*gaikokujin no shisô, kiken na shisô*), como os anarquismos e o socialismo. Após o incidente do *Caso de Alta Traição*, os anarquistas passaram a chamar o momento de “inverno”, que ficaria ainda mais rígido com a continuidade da perseguição aos libertários e a ascensão do fascismo na década de 1930.

Alguns anos depois de ter saído da prisão, Ôsugi Sakae refundou, em 1914, o jornal *Heimin Shimbun*, como uma homenagem a Kôtoku e uma recordação do julgamento. Ôsugi também se tornou anarquista na prisão. O encarceramento insuportável o fez lutar por relações livre e apartadas de encarceramentos. Suas conexões não eram tanto com anarquistas russos, mas também com os socialistas chineses e, principalmente, com os libertários na França. Sob a constante vigilância policial, pouco depois encerrou o *Heimin Shimbun* para lançar outros jornais anarquistas que seriam censurados constantemente.

Quando irrompeu a Revolução Russa, Ôsugi não deixou de declarar o seu apoio, assim como anarquistas de vários cantos do planeta. Entretanto, a perseguição aos anarquistas acirrou-se naquele ano, foi proibida a entrada de russos no Japão, e Ôsugi ficou isolado por conta de seu relacionamento com duas companheiras e seus desdobramentos. O anarquista fazia homenagens aos libertários que admirava pelo planeta dando o mesmo nome destes a seus filhos, já tinha Emma, referência a Emma Goldman, Louise, de Louise Michel, e, no pós-revolução, seu penúltimo filho chamou-se Nestor, homenageando Nestor Makhno e sua ação na Ucrânia. Sua filha mais nova chamava-se Mako, cuja tradução é ‘demônio’.

No ano de 1918, eclodiu a Revolta do Arroz, agitada pela Revolução Russa, como uma resposta ao racionamento do alimento anunciado pelo governo para disciplinar o povo japonês. Saques ocorreram em Kyoto, Osaka e Kobe. Guaritas policiais, lojas, mercearias, entre outros espaços, foram alvos da ira de manifestantes, entre eles Ôsugi. O resultado foi mais de 7000 pessoas presas e condenadas à prisão perpétua (Garcia, 2013).

Ôsugi entendeu que era o momento de voltar à imprensa libertária e no mesmo ano junto com seu amigo Arahata Kanson, que fôra companheiro de Kanno Sugako, lançaram o *Rodo Undo*. A importância do *Rodo Undo*, ao ser um dos únicos meios de veiculação de notícias e com textos de anarquistas e socialistas, fez com que Ôsugi fosse convidado para a Conferência Socialista do Extremo Oriente em Xangai em 1920, que marcaria o rompimento com os socialistas e com a Revolução Russa. Assim como os russos emigrados nos EUA, Alexander Berkman e Emma Goldman, eles constataram a partir da repressão aos anarquistas e os efeitos da política econômica adotada pelo partido comunista russo (Berkman, 2007; Goldman, 2006). O libertário japonês notou que as propostas dos socialistas chineses financiados pela Rússia de apoiarem as publicações anarquistas só se realizariam se fosse obedecida a linha editorial ordenada.

Se seus escritos anteriores eram recheados de *fusejis* (marcas em X feitas pela polícia para censurar frases ou artigos) no Japão, agora estavam sob a censura dos socialistas. A recusa fez com que Ôsugi retornasse sem qualquer ajuda financeira e passasse a entender que a ditadura do proletariado seria a supressão de todo e qualquer anarquista (2014). Como afirmou Emma Goldman, meios autoritários não levam a fins libertários, mas os sufocam.

No ano de 1922, tendo já ocorrido o massacre de Kronstadt pelo Exército Vermelho, foi fundado o Partido Comunista Japonês, proibido em

seguida pelo governo e com alguns de seus integrantes presos. Também neste ano, Ôsugi foi convidado por André Colomer, então editor do periódico anarquista francês *Le Libertaire*, fundado por Sébastien Faure e Louise Michel, para ir à comemoração aos 50 anos da Conferência Anarquista de St. Imier (1872) que ocorreria na Alemanha.

Ôsugi estava proibido de sair do país, mas conseguiu fugir por Tóquio, passando por Xangai. Na China, tentou divulgar o Esperanto e a escola que havia montado em Tóquio; estabeleceu relações com outros libertários a partir das indicações do anarquista e esperantista japonês Taiji Yamaga que havia falsificado um passaporte para que Ôsugi pudesse fugir do Japão (Osugi, 2014). Não pôde ficar em nenhum dos hotéis em que estivera dois anos antes, pois todos os seus dados haviam sido entregues à polícia chinesa pelos socialistas.

Entrou na Europa pela França, onde se encontrou com os anarquistas do *Le Libertaire*, mas, ao tomar parte das manifestações no Primeiro de Maio, foi preso após realizar um discurso. Sua fuga não foi bem sucedida como a de Bakunin. Nunca chegou à Alemanha e foi deportado para o Japão.

Alguns dias depois após chegar, foi capturado em 16 de setembro de 1923, junto com sua companheira Itô Noe e seu sobrinho de seis anos. Ao chegarem à delegacia, foram espancados até a morte por Masahiko Amasaku, oficial da polícia do Exército Imperial, que depois, assim como o acusador no *Caso de Alta Traição*, servirá ao fascismo japonês. Seus corpos, inclusive o da criança, foram encontrados entre os destroços do Grande Terremoto de Kantô que havia atingido a região dias antes.

Atualidades

Anarquistas russos e japoneses travaram suas relações independentemente dos limites e fronteiras que lhes eram impostos; suas práticas se multiplicaram em conexões que estabeleceram por meio de seus encontros

na fuga, na imprensa libertária, em traduções, no anarcoterrorismo. Hoje, os anarquistas no Japão fazem um resgate de sua história em meio a palestras e à tentativa de manutenção do arquivo CIRA-Japana. A presença dos anarquistas russos no Japão permanece viva; eles são assíduos leitores de Bakunin e Piotr Kropotkin.

A obra de Bakunin, após a morte de Ôsugi e as perseguições aos anarquistas que acirraram o “Inverno”, só foi resgatada na década de 1960, quando uma série de greves de estudantes eclodiu pelo Japão na luta contra o fascismo na educação. Rapidamente tragada pelo Partido Comunista e tornada reivindicação para negociar as reformas estudantis com o Estado, a obra de Bakunin quase foi esquecida novamente, mas se manteve viva entre os anarquistas. As traduções em japonês de suas obras e de Kropotkin datam de 1910-1920 e da década de 1970 (Hikaru, 2014).

Diante de uma subserviência renovada no Japão em meio a tecnologias, mercado, negócios e acordos talvez seja necessário lembrar uma pequena frase de Ôsugi Sakae ao recordar suas leituras iniciais de textos libertários: “os jovens que começaram a ler sobre anarquismo, todos sentiram a efervescência de Bakunin” (*apud* Idem).

A efervescência de Ôsugi lendo Bakunin está em agitar-se diante da obediência, em se recusar a ser governado. Como afirmou certa vez Christian Ferrer, anarquista na Argentina, libertários não deixaram rastros para serem seguidos, mas deixaram suas marcas e ebulições que agitaram e desacomodaram seu tempo. É preciso recordar o presente dessas lutas contra o Estado enquanto efervescência para desacostumar-se ao confinamento na nação, no partido, no sindicato. Desacostumar-se e combater o Imperador, o czar, o Estado e o renovado e pacificado súdito.

Referências bibliográficas:

Jornais e documentos

BEIJING-RUSSIA. Treaty of Peking [Beijing].1860. Disponível em: <http://www.chinaforeignrelations.net/node/234>. Acesso em 21/09/2017.

LIBERO INTERNATIONAL, n. 1-5, 1975-1978.

Livros e artigos

AUGUSTO, Acácio (2014). Revolta e *antipolítica* em Bakunin. *verve*, revista semestral autogestionária, São Paulo, Nu-Sol, v. 26, pp. 157-173. Disponível em <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2018/02/verve-26.pdf>

AVRICH, Paul (2008). Bakunin and the United States In *International Review of Social History*. N. 24 (3), pp. 320-340. Disponível em <https://doi.org/10.1017/S0020859000006106>

BIEUX, Gilles (2002). “La vie en prison d’un anarchiste: Ôsugi Sakae”. *Ebisu*, n. 28, pp; 119-154.

BILLINGSLEY, Philip (2014). *Bakunin in Japan: Bakunin, Yokohama, and the dawning of the Pacific Era*. UK: Christie Books.

FOUCAULT, Michel (2005). *Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes.

HANE, Mikiso (ed.) (1993). *Reflections on the way of the gallows: rebel women in prewar Japan*. Translated by Mikiso Hane. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press.

KATAYAMA, Sen (2013). *The labor movement in Japan*. Atlanta: On our own authority! Publishing.

KONISHI, Sho (2013). *Anarchist Modernity: Cooperatism and Japanese-Russian Intellectual Relations in Modern Japan*. Cambridge/London: Harvard University Press.

METCHNIKOFF, Lev (1889). *La civilization et les grands fleuves historiques*. Paris: Libraire Hachette.

NIETCHAIEV, Sergei (2007). Catecismo Revolucionário. *verve*, revista semestral autogestionária, São Paulo, Nu-Sol, v. 11, pp. 80-94. Disponível em <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2018/02/Verve11.pdf>

NU-SOL (2007). O anarquista profissional (o catecismo revolucionário de Sergei Nietchaiev). *Verve*, n. 11. São Paulo: Nu-Sol, p. 78. <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2018/02/Verve11.pdf>

ÔSUGI, Sakae (2002). *Memórias de um anarquista japonês*. Tradução de Ludimila Hashimoto Barros. São Paulo: Conrad Editora do Brasil.

PELLETIER, Philippe (2002). “Ôsugi Sakae, une quintessence de l’anarchisme au Japon”. *Ebisu*, n. 28, pp. 93-118.

_____. (2004) Um esquecido do consenso: o anarco-sindicalismo no Japão de 1911 a 1934 In *Histórica do movimento operário revolucionário*. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Observatório de Políticas Sociais; Expressão e Arte Editora; Editora Imaginário, pp. 225-268.

_____(org.) (2015). *Kôtoku Shusui: socialiste et anarchiste japonais*. Paris: Éditions du Monde Libertaire,

RECLUS, Élisée (1876). *Nouvelle géographie universelle: la terre et les hommes*. Paris: Libraire Hachette.

TANAKA, Hikaru (2014). “Bakunin and Japanese anarchist”. *International Conference for Bicentennial of Mikhail Bakunin*. Pryamukhino: 12/07/2014. Disponível em: <http://kansaiarchismstudies.blogspot.com.br/2014/07/bakunin-and-japanese-anarchist.html>.